

“DOCES PODERES”: UMA ANÁLISE DOCE DEMAIS?

CALIL FELIPE ZACARIAS ABRÃO*

O filme *doces poderes*, da diretora Lúcia Murat, é uma espécie de marco no cinema brasileiro que, tal como uma fênix, renasceria das cinzas da *Era Collor*. Esta premissa, aliás, é o que dá sentido à trama: o filme é uma espécie de acerto de contas do áudio-visual brasileiro com o ex-presidente Fernando Collor que, como se sabe, havia liquidado o nosso cinema". O filme discute a questão da mídia e do papel dos jornalistas no mundo globalizado. Para a diretora a desilusão é muito presente na geração pós 68, e é sobre isso que trata “Doces Poderes”, é o lugar de sua fala, é o seu lugar social e seu lugar institucional. Questão relevante pois, como ensina Certeau:

“A história se define inteiramente por uma relação da linguagem com o corpo (social)”, e, em decorrência disso, “também por uma relação com os limites colocados pelo corpo, seja sobre a forma do lugar particular de onde se fala, seja sobre a forma do objeto distinto (passado, morte) do qual se fala” (CERTEAU, 1979: 86);

A mesma posição é expressa por Chartier, que, em “A beira da falésia” emite a opinião de que

“Toda escrita da história remete bem ao ‘eu’ que a produz, este deve ser construído mais em função da posição ocupada por cada historiador na instituição histórica de sua época do que o princípio de curiosidade”, visto como uma “espécie de avatar a-histórico do princípio do prazer” (CHARTIER, 2002:15)

Entre a eleição de Fernando Collor e a realização do longa, a conjuntura política Brasileira sofreria várias transformações. O presidente Collor seria deposto, o vice presidente Itamar Franco assumiria o cargo e a macro economia brasileira se estabilizaria com o plano real, executado pelo então ministro da economia, Fernando Henrique Cardoso (FHC). Itamar conseguiria fazer de seu ministro seu sucessor. Em 1996, data da produção do filme, FHC já era tido como um presidente certamente

* Graduado em História pela Universidade de Brasília-UnB. Especialista em História Sociocultural pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Campus Poeta Torquato Neto e em História e Historiografia do Brasil-UESPI, Campus Clóvis Moura.

reeleito. O filme foi realizado numa época de desânimo político para as esquerdas e esse clima fica evidente em todo o filme. Passando nesse sentido uma mensagem “para baixo”, de que não vale muito a pena lutar, de que tudo são “cartas marcadas”. FHC foi reeleito, mas quatro anos depois a oposição chegou ao poder e se “lambuzou num mar de corrupção”. Lula teve nas mãos praticamente o conjunto das esquerdas, dos intelectuais, e dos jornalistas, ele conseguiu ter ao mesmo tempo o apoio dos donos de jornais e dos jornalistas. Ao contrário da música do Chico, ele teve “a voz do dono e o dono da voz”.

No filme, a protagonista é uma jornalista que é transferida para Brasília para ser diretora de redação de uma empresa que muito nos lembra a “TV Globo”. Ela vem substituir o antigo diretor Bob protagonizado por Sérgio Mamberti que saiu para coordenar a campanha do candidato conservador Ronaldo Cavalcante (José de Abreu).

Os principais atores do filme são conhecidos militantes do partido dos trabalhadores (PT) Sergio Mamberti, que exerce clara liderança entre os atores petistas, inclusive tem se saído melhor na sua relação político-partidária e administrativo do que o seu personagem Bob no filme. Depois da renúncia de Gilberto Gil no ministério da cultura, Sérgio subiu ainda mais na hierarquia do ministério. A cada pequeno escândalo denunciado pela mídia, os petistas aumentam a sua presença no ministério em detrimento do grupo “baiano”. Mamberti é quase uma “eminência parda” no ministério da cultura.

A redatora do telejornal parece funcionar como um alter ego da diretora do longa metragem. O trabalho conjunto da diretora e da protagonista continuou em outro filme de Lucia Murat: “Maré, nossa história de amor” de 2007, onde a protagonista faz o papel de uma diretora de um grupo de dança de uma comunidade da favela da Maré. Lucia ao falar das eleições parece também querer refletir sobre o trabalho de ser diretora de longa metragem num País pobre e contraditório como o Brasil. Os dilemas da diretora da sucursal da redação de TV em Brasília nos remetem aos impasses que o novo cinema Brasileiro enfrentava no seu renascimento. Lucia Murat que fazer um cinema progressista, político no caminho aberto pelo “cinema novo”.

O tempo todo, a diretora de redação tenta ser isenta e neutra, coisa que consegue com um relativo sucesso; já a diretora do filme não consegue alcançar este mesmo objetivo. O filme que para a elaboração desse artigo foi visto uma dezena de vezes, têm

poucos, mas decisivos defeitos. Ele tende a ser maniqueísta, resumindo tudo na luta entre o bem (esquerda) e o mal (direita).

De certa forma o filme também é preconceituoso. O candidato direitista, solteiro é uma “bicha enrustida”. Já o candidato popular é casado, mas um homem que no momento de fraqueza, trai a esposa com uma jornalista. Fica a impressão para quem assiste ao filme que esse é um erro menor, um senhor casado ter uma relação extraconjugal, desde que o outro parceiro seja uma mulher. Um homem solteiro ter um caso com outro homem parece ser uma leviandade maior para a produção do filme. Homofobia?

Trazendo para o contexto de hoje, trata-se de um filme bastante atual, no que se refere à postura da mídia diante de programas eleitorais. Lucia Murat, responsável pela produção e direção do filme, fala sobre a manipulação dentro de uma redação de jornalismo e tenta nos mostrar que a TV tem muito poder, capaz de influenciar e mudar a opinião pública com relação aos candidatos; através dos chamados “apoios políticos” e do recurso de muito dinheiro é possível criar “tipos de políticos” os quais irão beneficiar apenas a minoria da sociedade.

No elenco temos Mariza Orth no papel de Bia, a qual é diretora da reação de jornalismo de maior audiência de Brasília, e que segundo Bob, ela está se iludindo em pensar que pode ficar todo o período de campanha eleitoral e sair sem sujar as mãos; ilusão maior é pensar que pode dar uma cobertura à campanha de um modo igualitário a todos os partidos.

Bia até que tenta colocar os assuntos envolvendo os candidatos de uma forma bem imparcial, sem mostrar de que lado está o que acaba contribuindo para alterar o quadro eleitoral com a ascensão do político negro e operário de esquerda (Luis Antonio Pilar). Mais quando a campanha de fato se concretiza e toma uma proporção a qual muitos não estão de acordo, inclusive seu chefe, da matriz da emissora no Rio de Janeiro que manda um ajudante, para auxiliá-la, a fim de levar ao telespectador uma informação que beneficie o candidato direitista Ronaldo Cavalcante. A diretora parece acreditar que um tratamento minimamente imparcial seria o suficiente para levar a “Classe operária ao paraíso”. Ela parece esquecer que o poder econômico não se limita a questão da mídia, corrompendo o pleito eleitoral de inúmeras formas.

Com a chegada do interventor Guilherme enviado pela cúpula da redação carioca, Bia sabe que não dá mais para continuar sendo imparcial e resolve deixar o cargo, mais antes ela resolve dar uma entrevista onde denuncia que a imprensa estar sendo claramente a favor de Ronaldo Cavalcante. A repercussão da sua entrevista, no entanto foi muito pequena. Só uma minúscula nota saiu e assim mesmo num jornal de menor circulação, levando ao desespero o coordenador da campanha do partido da frente popular (Chico).

Ronaldo Cavalcante do partido de direita, apoiado pelo partido do deputado Léo Miranda (Otávio Augusto) é um personagem que parece ter sido inspirado no ex-deputado petebista Roberto Jéferson, um homem sem escrúpulos, sem nenhum compromisso com o povo e que usa de má fé, de golpes baixos como o caso amoroso do candidato da oposição Luisinho para reverter o quadro e ganhar as eleições.

Luisinho é um negro do partido da esquerda, que apoiado pelo deputado Chico, que muito nos lembra o ex-deputado José Dirceu, da campanha eleitoral petista, Luisinho trás no seu slogan, saúde, educação e cultura para o povo, ele até consegue passar Ronaldo nas pesquisas, mas é bruscamente derrubado pelo partido da oposição através de um escândalo envolvendo-o num caso amoroso com a jornalista Tatiana Lins (Claudia Lira).

Um personagem bastante interessante é o Alex (Tuca Andrada) importante chefe de redação, ele é o representante das novas gerações, formada depois da ditadura militar, e sua formação é cheia de contrastes com a geração anterior, ele dá a entender que sempre se aproxima das pessoas que ocupam o cargo de diretor da empresa e demonstra não ter um partido definido, já que num primeiro momento ele parece apoiar o Luisinho e depois vira o jogo e acompanhando a empresa fica do lado de Ronaldo, que ganha à eleição.

“Doces Poderes” é uma amostra do que o poder pode fazer com as pessoas e o que as pessoas são capazes de fazer para alcançar este poder, ou como disse frei Beto no último Salipi ao se referir ao seu amigo presidente: “o poder não muda as pessoas, apenas mostrar o que elas realmente são”

Espero que as críticas aqui expostas, feitas a partir da observação do filme e dos textos citados na bibliografia não seja entendida como uma desqualificação ao filme, ao contrário, além de representar uma retomada do cinema nacional, fato que por si só já

justificaria o filme, sua história é atual e está na ordem do dia, da realidade política Brasileira.

O início da década de 90 do século XX correspondeu historicamente a um aumento a nível mundial do poder da mídia, apesar do filme não ter “acontecido” no sentido de não ter se transformado em um sucesso de público, o filme é fundamental, pois desnuda o poder imensurável da mídia nos destinos deste País. O filme foi bem recebido pela crítica especializada, tanto no Brasil quanto no exterior. Foi saudado pelos cadernos de cultura de vários jornais e revistas. Podemos destacar comentários como: "Uma brilhante análise das relações entre poder, sexo e política no Brasil" (Der Tages Spiegel-Alemanha), "Uma direção criativa" (Variety-USA), "Divertido e irônico" (Village Voice-USA), "Bom humor, sagacidade e coragem" (O Estado de São Paulo-Brasil), "Humor com amargo gosto de tragicomédia" (Jornal do Brasil-Brasil), "Boa forma do cinema nacional" (Folha de SP-Brasil), e ainda "Oportuno e competente" da revista (Isto é-Brasil), e "Um filme que prende o espectador" da (Revista Veja-Brasil).

Participou de várias seleções internacionais de cinema, como por exemplo: Sundance Film Festival (USA, 1997), Festival de Berlim Film Forum (Alemanha, 1997), New England Latin American Film Festival (USA, 1997), Washington International Film Festival (USA, 1997), Philadelphia World Cinema (USA, 1997), London Latin American Film Festival (London, 1997), Festival de Mar del Plata (Argentina, 1997), Festival de Havana (Cuba, 1997), Chicago Latino Film Festival (USA, 1998), Festival de Mulheres (Turim-Itália, 1998), Cruzando Fronteiras (Washington-USA, 1998), Los Angeles Latino Film Festival (USA, 1998), Festival de Serra da Estrela (Portugal, 1998), San Diego Latino Film Festival (USA, 1999).

O elenco experiente e cheio de recursos impediu maiores prejuízos ao filme. Os principais integrantes foram: Marisa Orth, Antônio Fagundes, Sérgio Mamberti, Otávio Augusto, Tuca Andrada, Cláudia Lira, Luís Antônio Pilar, Vicente Barcelos, Amir Hadad, Catarina Abdala, Cristina Aché, Chico Diaz, Elias Andreato, Jonas Bloch, Rodrigo Pena, Stepan Nercessian, Zezé Polessa e Luís Melo.

“Doces Poderes” teve um orçamento relativamente pequeno, mesmo para a realidade do cinema Brasileiro, girando em torno de 200 mil dólares, lembrando que em 1996, FHC ainda não havia alterado o câmbio, que era praticamente paralelo ao dólar “Brava gente Brasileira”, por exemplo, custou pelo menos o dobro de “Doces Poderes”.

A diretora que participou aos dezenove anos da luta guerrilheira, estreou no cinema com documentários, como o autobiográfico “Que bom te ver viva” de 1989. Ao realizar “Doces Poderes” em 1996, Murat estava se lapidando para vôos mais altos. Além de “Maré, nossa história de amor” Murat dirigiu “Olhar estrangeiro”, “Brava gente Brasileira” e “Quase dois irmãos”, cuja temática difere da de “Doces Poderes”. Enquanto que “Doces Poderes” prioriza a metáfora política, os demais filmes priorizam um recorte mais social. Sendo que este último foi o melhor filme recebido pela crítica especializada. Em Teresina onde é raro a exibição desse tipo de filme, exceto em pequenas salas de exibição de circuito alternativo, como por exemplo, a “Tela Sociológica” do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Piauí e da “Casa de Cultura”, mais aí trata-se de películas mais antigas e não de lançamentos, onde a grande vantagem é o nível do debate que se segue a exibição e o grande defeito é o horário das seções determinados não em função do público mais sim a partir dos privilégios dos funcionários e da preocupação das administrações em cortar custos principalmente com a cultura.

A diretora sempre insiste em suas entrevistas na necessidade da formação de platéias mais plurais, que não se restrinjam à estética e linguagem dos filmes americanos. Ela defende a urgência na democratização da linguagem cinematográfica que permita ao público jovem ter acesso a outras linguagens como, por exemplo, as dos cinemas Francês, Iraniano, ao cinema político etc.

A boa acolhida do filme pela crítica, não foi suficiente pra atrair o público. O filme foi pessimamente distribuído. Na TV suas exibições ficaram restritas ao canal Brasil. O longa tem sido muito utilizado no meio acadêmico, pelo menos entre os professores de história em Teresina onde a pesquisa foi centrada, constatamos a utilização dessa película tanto por professores do ensino médio, graduação, especialização e mestrado. O filme foi exibido tanto em instituições públicas, quanto privadas, não se restringindo apenas aos historiadores, configurando-se numa atividade interdisciplinar.

A letra da música “Amor perfeito” de Sacha Amback cantada por Adriana Calcanhoto, é uma das chaves de compreensão e de leitura deste filme. É um filme de uma música só. “Amor perfeito é coisa de inglesa romântica”. A música mistura a trajetória de vida de uma mulher à trajetória política da geração de 1968. A geração que

fez o filme “Doces Poderes” é a geração perdida de 1968. Confundindo a história da protagonista com a da diretora, mostrando que ambas estão do lado certo, que as duas não se venderam nem se adaptaram. Na voz de Calcanhoto a música fica arrastada, sonolenta e triste causando desânimo. O título do filme também nos remete a músicas “Podres Poderes” do Caetano Veloso. Dentre as duas a música de Caetano é menos maniqueísta e mais plural, tem lugar para as táticas dos dominados onde “índios e padres e bichas, negros e mulheres e adolescentes fazem o carnaval...”, enfrentando a sua maneira as estratégias dos dominadores. O filme mostra insistentemente imagens de Brasília a noite. Nestas tomadas tudo é muito cinza, embaçado, esfumado noir-impressionista, com a câmera procurando captar os reflexos das luzes incidindo no asfalto das avenidas da capital. Mostra-se os principais prédios públicos que concentram o poder político no Brasil. Provavelmente as pessoas que assistirem essas tomadas sobre Brasília, simbolicamente remeterão seu inconsciente para tudo de escuso, nebuloso e cinza que o poder representa. Para mim, no entanto, que passei quase a metade da minha vida naquela cidade em dois períodos distintos, a memória sempre seletiva, me leva a caminhos diversos. Não que a análise de Murat não seja possível e até mesmo correta, ela inclusive é fundamental, mas é uma visão incompleta. A tomada que mostrou a esplanada dos ministérios não lembra apenas a corrupção e a defesa dos interesses das classes dominantes, mas remete à sensibilidade da época, ao “sonho desfeito” e as manifestações em frente ao ministério da educação, a campanha das diretas já, e a posse de Tancredo-Sarney.

No início dos anos 80 uma geração de estudantes foi, por exemplo, muitas vezes, fumar um baseado com os amigos de madrugada na “praça dos três poderes”, num momento em que essa atitude parecia ainda significar uma apologia a rebeldia contra os poderes constituídos, não se reduzindo a dominação pelo narcotráfico de hoje; na mesma época no eixo monumental em um de seus vários estacionamentos, em frente ao palácio do governo do Distrito Federal, era pra lá que os carros se dirigiam nessas mesmas madrugadas levando casais para encontros amorosos e isso tudo embaixo da janela do governador.

O movimento estudantil era muito combativo; o PT de Brasília naquela época era o mais a esquerda do Brasil, e só com a intervenção direta do então presidente do PT Luis Inácio Lula da Silva (Lula) que afastou o então professor de economia da

Universidade de Brasília, o marxista Lauro Campos da direção regional do PT e colocou em seu lugar o também economista, da mesma Universidade, Cristovão Buarque, conseguiu-se domesticar a esquerda candanga. Cristovão Buarque que posteriormente veio a romper com o Lula em razão do orçamento destinado ao ministério da educação comandado por ele. A preocupação central do governo segue sendo o superávit primário destinado a honrar os compromissos externos.

“Doces Poderes” é uma produção da Taiga Filmes e Vídeo, direção e roteiro de Lúcia Murat, com direção de fotografia de Antônio Luiz Mendes, a Montagem ficou por conta de César Migliorin e Vera Freire e a Música de Sacha Amback com interpretação de Adriana Calcanhoto. A cenografia foi do Sergio Menezes, o figurino da Inês Salgado, com som direto do Heron Alencar/Chico Bororo e a Mixagem de Roberto Leite. É um longa de 97min, colorido, rodado em 35 mm. Não foi finalizado em digital. O primeiro filme que a diretora finalizou em digital foi “Brava gente brasileira”.

São muitos os poderes, os micros poderes, as estratégias e as táticas que as enfrentam. Não somos passivos e a realidade de ontem, hoje e amanhã tem muito da nossa participação.

BIBLIOGRAFIA

BOUDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. São Paulo: Bertrand-Brasil, 2000.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. (Org.). **História, cinema e outras imagens Juvenis**. Teresina: EDUFPI, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Tradução: Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade-UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. **A história entre incertezas e inquietude**/ Roger Chartier, trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed Universidade/UFRGS, 2002.

JULIARD, Jacques. A política. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. **História: novas abordagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual. In: **ArtCultura** visual. Uberlândia- PR, v 8, n 12, p. 97-115, 2004.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

NÓVOA, Jorge; SILVA, Marcos. Cinema-História e Razão-Poética: o que fazem os profissionais de história com os filmes? In: PESAVENTO, Sandra. **Sensibilidades e sociabilidades**: perspectivas de pesquisas. Goiânia: Ed. UCG, 2008. p. 11-18.

SILVA, J José L de Oliveira E. História, cinema e representação: a significação imagética do sertão no recente cinema brasileiro. In: **congresso internacional de história e patrimônio, 2008**, Teresina: EDUFPI. Anais. CD-ROM.

SOARES, Mariza de Carvalho. **A história vai ao cinema**. In: SOARES, Mariza de Carvalho; FERREIRA, Jorge. Rio de Janeiro: Record, 2001.